



ESTADOS UNIDOS

Trump investe em projetos e ataques polêmicos

EUA realizaram o que foi, até o momento, a maior operação militar do país no Oriente Médio desde que o republicano assumiu a Presidência. Em mudanças internas, o magnata aprovou um projeto de lei que evita paralisação parcial do seu governo

» MARINA RODRIGUES
» ISABELLA ALMEIDA

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assinou, ontem, um projeto de lei que financia o governo até o final de setembro, pondo fim à ameaça de uma paralisação parcial — conhecida como shutdown — e encerrando a disputa que dividiu os democratas no Congresso. O anúncio da assinatura foi feito em uma publicação no X, por Harrison Fields, secretário de imprensa adjunto da Casa Branca.

A proposta reduzirá os gastos em cerca de US\$ 7 bilhões de dólares em comparação com o ano passado. As forças armadas dos Estados Unidos serão subsidiadas com cerca de US\$ 6 bilhões a mais. Já projetos que não são ligados à defesa do país terão cortes que, somados, chegam a US\$ 13 bilhões.

Ainda ontem, o magnata suspendeu os jornalistas da Voz da América (VOA) e de outras emissoras financiadas pelos Estados Unidos, congelando meios de comunicação considerados críticos no combate à ofensiva informativa de Rússia e China.

Centenas de repórteres e membros da VOA, Radio Free Asia, Radio Free Europe e outras emissoras receberam um e-mail proibindo o acesso aos escritórios e exigindo a entrega dos crachás de imprensa, telefones de trabalho e outros equipamentos.

Além disso, o presidente avalia a restrição de viagens ao país por cidadãos de 43 nações, segundo o jornal *The New York Times*. Conforme o veículo, o rascunho da lista conta com três categorias. A vermelha considera países cujos habitantes não poderão entrar nos EUA, como Afeganistão, Cuba, Irã, Líbia, Coreia do Norte, Síria, Venezuela, Iêmen, entre outros.

Na categoria laranja, estariam 10 nações, com fortes restrições para obtenção de visto, incluindo o Belarus, Eritreia, Haiti, Laos, Mianmar, Paquistão, Rússia e outros. Mais 22 países foram classificados como amarelos e teriam 60 dias para responder às preocupações norte-americanas, ou seriam rebaixados para uma classe mais severa.

Na mira dos EUA

Também neste sábado, a capital do Iêmen, Sanaa, foi atingida por bombardeios que deixaram, pelo menos, nove mortos, depois que o presidente dos Estados Unidos anunciou uma “ação militar decisiva e poderosa” contra os rebeldes separatistas houthis.



A aprovação do projeto de lei, que visa cortes em áreas essenciais para a população, foi marcada por protestos em Nova York

“Usaremos uma força letal avassaladora até atingirmos nosso objetivo”, publicou Trump em sua rede social, o Truth Social.

Em um comunicado divulgado pela agência de notícias dos rebeldes, *Saba*, o Ministério da Saúde do governo houthi declarou que nove civis morreram, incluindo mulheres e crianças, e outros nove ficaram feridos, a maioria com gravidade. “Um ataque americano-britânico teve como alvo um bairro residencial no norte da capital”, afirmou a emissora *Al Masirah*, controlada pelo movimento.

Esses são os primeiros bombardeios americanos em grande escala no Oriente Médio desde o retorno de Trump à Casa Branca. Os rebeldes alertaram que a ação não ficará sem resposta. “Nossas forças armadas estão prontas para responder à escalada com uma escalada”, afirmou o escritório político dos rebeldes em um comunicado divulgado pela *Al Masirah*.

Trump também pediu ao Irã que interrompesse imediatamente o suporte ao movimento. “O apoio aos terroristas houthis deve cessar imediatamente! Não ameacem o povo americano, seu presidente (...) nem as rotas marítimas do mundo. E se o fizerem, cuidado,

porque os Estados Unidos os farão plenamente responsáveis e não lhes faremos nenhum favor!”, publicou no Truth Social.

Em 11 de março, os houthis anunciaram que retomariam os ataques contra barcos que considerassem vinculados a Israel no Mar Vermelho, em solidariedade aos palestinos da Faixa de Gaza. O grupo rebelde apoiado pelo Irã, que controla grandes áreas do Iêmen, alegou que havia tomado a decisão porque Israel não permitiu o retorno do fornecimento de ajuda à Gaza.

Novas investidas

Em meio a esforços diplomáticos para alcançar uma trégua de 30 dias, proposta por Donald Trump, o conflito entre Rússia e Ucrânia também atingiu novos patamares de tensão ontem, com ambos os países protagonizando ataques de grande escala. O Ministério da Defesa da Rússia anunciou a interceptação de 126 drones inimigos durante a noite, enquanto a Força Aérea ucraniana afirmou ter abatido 130 projéteis russos de fabricação iraniana, em 14 regiões do país, e identificado dois mísseis balísticos lançados por Moscou.

Ante o cenário, Trump tem se empenhado na tentativa de intermediar um acordo. Na sexta-feira, ele afirmou que teve “discussões muito produtivas” com Putin e acredita haver chances reais de que a guerra termine. No entanto, Moscou impõe condições para a paz, incluindo a exigência de que a Ucrânia renuncie à adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e reconheça o controle russo sobre territórios ocupados.

Para o analista geopolítico Gustavo Glodes Blum, doutor em geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a “posição coesa” dos países da União Europeia em apoio à Ucrânia e as ações dos EUA no Oriente Médio podem influenciar a guerra. “Esse contraponto aos Estados Unidos, que pretendem negociar diretamente com os russos, acaba trazendo ainda mais dificuldade para se estabelecer quais serão as próximas etapas do conflito. Acho que a reação russa também vai depender dos resultados regionais do ataque feito pelos EUA no Iêmen. A questão do apoio ao Irã pode se tornar um elemento complicador das negociações”, avalia o especialista.

EU ACHO...

“Esses ataques criminosos vêm como parte dos esforços de Washington para dissuadir o Iêmen de sua posição em apoio ao povo palestino na Faixa de Gaza. No entanto, certamente não afetarão a posição do Iêmen nem atingirão algum objetivo militar para Washington. Pelo contrário, apenas levarão à inclusão adicional de navios comerciais e militares americanos na lista de embarcações proibidas de passar pelo Mar Árabe, Mar Vermelho, Golfo de Aden e Estreito de Bab el-Mandeb. Nos últimos 10 anos, os EUA tentaram subjugar o povo iemenita e falharam. Eles falharão novamente hoje e não conseguirão nada além de mais perdas, colocando suas forças na região em risco de serem alvo. O Iêmen não tem linhas vermelhas.”

Abdulhameed Sharwan, 35 anos, jornalista e morador de Sanaa

Arquivo pessoal



Israelenses matam nove em Gaza

Pelo menos nove pessoas, incluindo três jornalistas locais e trabalhadores humanitários, foram mortas neste sábado em um ataque aéreo israelense na cidade de Beit Lahia, no norte da Faixa de Gaza. De acordo com o Ministério da Saúde palestino, várias pessoas ficaram gravemente feridas quando um drone atingiu um veículo que transportava membros da organização de caridade Al-Khair Foundation e profissionais da imprensa.

A agência de Defesa Civil de Gaza confirmou que os corpos foram levados para hospitais da região e classificou o ataque como um “massacre”. Salama Marouf, chefe do escritório de mídia do governo de Gaza, administrado pelo Hamas, afirmou que as vítimas não representavam qualquer ameaça e estavam em uma área civil.

O Hamas denunciou o ataque como uma “violação flagrante” da trégua, assinada em 19 de janeiro, e acusou Israel de descumprir o pacto mediado por Catar, Egito e Estados Unidos. “Israel cometeu um horrível massacre no norte da Faixa de Gaza, ao atacar um grupo de jornalistas e trabalhadores humanitários, no que constitui uma violação flagrante do acordo de cessar-fogo”, declarou o porta-voz do Hamas, Hazem Qasem.

Na sexta-feira, o Hamas anunciou que está disposto a libertar um refém israelense-americano e a entregar os corpos de outros quatro cativos como parte de um acordo para a continuidade da trégua. No entanto, Israel acusou o grupo de não demonstrar flexibilidade nas discussões e de usar a proposta como tática de “manipulação e guerra psicológica”. A Casa Branca também criticou a posição do Hamas, alegando que o grupo estaria tentando ganhar tempo e que sua estratégia não traria benefícios.

O principal impasse gira em torno das condições da segunda fase do acordo. Atualmente, ainda restam 58 cativos em Gaza, sendo que 34 deles foram declarados mortos pelo Exército israelense. Durante a primeira fase da trégua, que terminou em 1º de março, o Hamas devolveu 33 reféns, incluindo oito mortos, enquanto Israel libertou 1.800 prisioneiros palestinos em troca.

IGREJA CATÓLICA

Ainda em recuperação, papa aprova reforma

A melhora do estado de saúde do papa Francisco, internado há mais de um mês com problemas respiratórios, tem se mostrado consistente. Indicando que pretende manter seu posto, ainda ontem, o líder da Igreja Católica aprovou um novo processo de reforma de três anos para a instituição. Entre as propostas, está a maior participação das mulheres dentro da Igreja, permitindo,

por exemplo, que sejam ordenadas como diaconisas, além da inclusão de leigos na tomada de importantes decisões, como a seleção de bispos.

As mudanças foram avaliadas por meio de uma estrutura chamada Sínodo dos Bispos. Durante seu papado, Francisco tem recrutado fiéis de todo o mundo para a proposta de renovação da Igreja. Em outubro de 2023 e 2024,



Fieis de vários países rezam pelo pontífice, em frente ao hospital Gemelli

duas assembleias do Vaticano, nas quais, pela primeira vez, mulheres puderam votar, discutiram e deliberaram sobre o documento final aprovado pelo papa.

Conforme o boletim publicado pela Sala de Imprensa da Santa Sé, ontem, o Papa permaneceu estável, seguindo o padrão dos últimos dias. A oxigenoterapia de alto fluxo ainda é mantida, o que ajuda a minimizar o uso de ventilação mecânica não invasiva durante a noite. O tratamento médico e a fisioterapia respiratória continuam, mostrando uma melhora gradual.

O comunicado revelou que o pontífice passou o sábado se dividindo entre tratamento, orações e repouso, além de trabalhar um pouco. Hoje, o Angelus será divulgado como nos domingos anteriores. O próximo boletim médico deve ser publicado na terça ou quarta-feira.

Enquanto isso, o serviço postal italiano afirmou que o santo padre continua recebendo “milhares” de cartas, de fiéis de diversos países, diariamente. Segundo Antonello Chidichimo, diretor do centro de triagem de Fiumicino, chegam à unidade “até 150 quilos a mais de correspondências por dia”, em razão da internação do papa. (MR e IA)